

AS MASCULINIDADES PRODUZIDAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: percepções docentes

Marcelo Moraes e Silva¹
Maria Rita de Assis Cesar²

RESUMO

A presente pesquisa apresenta as percepções docentes sobre as masculinidades produzidas nas aulas de Educação Física. Como objeto de pesquisa foram analisado falas dos (as) professores (as) dessa disciplina escolar, tentando visualizar como eles (as) percebem as questões de gênero e masculinidades acontecidas dentro do espaço escolar e das aulas de Educação Física. A título de conclusão a pesquisa aponta que os (as) professores (as) percebem a existência de várias masculinidades presentes nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física escolar; Professores (as) de Educação Física; Gênero; Masculinidades.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo visa compreender quais são as percepções dos (as) professores (as) de Educação Física da rede pública municipal de uma cidade localizada na

região metropolitana de Curitiba, sobre as masculinidades produzidas no interior de suas aulas de Educação Física. A escolha por trabalhar com essa disciplina escolar se dá por ser essa prática social um espaço generificado. A Educação Física e o mundo

-
- 1 Mestre em Educação (UFPR), Doutor em Educação (Unicamp) e Pós-doutorado em Educação Física (UFPR). Contato: moraes_marc@yahoo.com.br.
 - 2 Mestre, Doutora em Educação (Unicamp) e Pós-doutoranda da Universidade Paris XII. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFPR). Contato: mritacesar@yahoo.com.br

dos esportes através de seus símbolos, códigos e normas reproduzem a lógica binária de gênero.

Nesse contexto denominado Educação Física as masculinidades ganham destaque, visto que essas diversas características generificadas se baseiam num modelo que tem o masculino como exemplo a ser seguido. (DEVIDE, 2005). Entender a Educação Física enquanto terreno no qual são produzidas práticas que separam homens e mulheres, entretanto, não significa tomá-lo enquanto um espaço plano e linear. É preciso perceber seus contornos e suas irregularidades.

Para alcançar tal intento o artigo em questão divide-se além desta parte introdutória em mais quatro tópicos. No item seguinte são apresentados os aspectos metodológicos da pesquisa, demonstrando quais foram os critérios utilizados para a construção do trabalho. Nos dois itens subsequentes “Educação Física escolar, gênero e as masculinidades” e “Corpos que escapam: a presença de outras formas de masculinidades” é o momento do texto no qual são expostas o material empírico da pesquisa, bem como a articulação com parte da literatura produzida sobre a temática. No último tópico são apresentadas as considerações finais.

METODOLOGIA

Para analisar os dados coletados juntos aos (as) professores (as), foi utilizado como aporte metodológico, conforme apontam Lessard-Hébert *et. al.* (1990), a modalidade de inquérito, que se dividiu basicamente em dois momentos uma parte escrita (questionário) e outra oral (entrevista).

Na parte escrita as perguntas circularam em torno das temáticas de gênero, feminilidades e principalmente as masculinidades. Tudo com o objetivo de detectar como os (as) docentes percebem os comportamentos generificados, produzidos nas aulas de Educação Física. Esse instrumento inicial mapeava e potencializava os possíveis participantes da fase oral da pesquisa. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2003).

A municipalidade conta com aproximadamente, vinte e nove professores (as) de Educação Física. Participaram questionário dezoito docentes, sendo doze mulheres e sete homens. Dentre esses participantes, foram entrevistados (as) cinco docentes, três professores e duas professoras. Para manter o anonimato dos (as) professores (as), foram atribuídos pseudônimos para cada um dos (as) entrevistados (as). O primeiro foi o professor Amaral, 47 anos, com mais de vinte anos de docência e que no momento de realização da pesquisa ocupava um cargo de diretor de uma escola do município. O segundo foi o professor Rodrigo, 40 anos, com mais de quinze anos de profissão e que inclusive já exerceu as funções de coordenador da disciplina de Educação Física do município e também professor de uma escola estadual. O terceiro entrevistado foi o professor Joaquim, 40 anos, com mais de quinze anos de docência e que desempenha funções em uma escola do município e na Secretária de Esportes e Lazer da cidade de Curitiba. A quarta foi a professora Amanda, 45 anos, com dezoito anos de experiência escolar, trabalha numa escola do município é também ministra aulas de Educação Física para a Secretária Estadual de Educação dentro de presídios. Por último, foi entrevistada a professora Guilhaermina, 27 anos, com aproximadamente

cinco anos de experiência docente, trabalha numa escola do município e num estabelecimento educacional de outra cidade da região metropolitana de Curitiba.

Baseados nestes instrumentos e nas falas dos (as) docentes é que foram analisadas as percepções dos (as) professores sobre a temática de gênero e das produções de masculinidades nas aulas de Educação Física.

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, GÊNERO E AS MASCULINIDADES

Na história da Educação Física diversos discursos das ciências biológicas, produziram e ainda produzem normas de gênero. Aos membros do sexo masculino são exigidas características como potência, força e coragem. Já as mulheres são “convidadas” a participar desse mundo desde que não deixem de lado a beleza e a graciosidade, atributos relacionados a uma suposta “essência feminina”.

Essas questões fazem parte do contexto profissional dos (as) professores (as) participantes da pesquisa, pois ao serem interrogados sobre se entendem que a escola, a disciplina de Educação Física e as práticas esportivas, ajudam a produzir corpos masculinos e femininos, a maioria dos (as) docentes, respondeu que sim.

Segundo o professor Rodrigo não é somente o espaço da aula de Educação Física que produz uma diferenciação entre os sexos, mas a própria estrutura escolar: “Os professores muitas vezes separam colunas na sala de aula, fileiras de carteiras com meninas e meninos, fazem à separação. Não admitem meninas e meninos juntos”. Alguns/algumas professores (as) complementaram essa questão da produção

generificada nas aulas, relacionando-a com a postura do (a) docente:

Monique: Sim. Dependendo da situação e das atitudes tomadas em aula, tanto o professor como os alunos podem reproduzir e produzir palavras, gestos e ações que evidencia certos comportamentos.

Carlos: Depende do encaminhamento das aulas pode reforçar mitos ou desmistificar conceitos historicamente elaborados. Em aulas de Futsal não oportunizar a prática das meninas ou aulas de dança somente para meninas.

Outros argumentos surgiram nas falas dos (as) professores (as). Segundo o professor Sérgio, a escola é uma mera reprodutora das outras instituições, pois ela não participa do processo produção de identidades: “A Educação Física e a Escola são apenas reflexo daquilo que os alunos são em sua casa ou na rua, não interferindo de maneira profunda na personalidade da pessoa”.

Num outro plano a professora Fernanda, trouxe outras questões para o debate. Ela indicou que a inserção da escola e da Educação Física com o movimento progressista, acontecido no Brasil a partir da década de 1980, ajudou a produzir discursos mais flexíveis.

Fernanda: Acredito que a Educação Física já produziu tais diferenças. A partir da década de 80, não só na Educação Física como na escola vem ao longo de sua história amenizar comportamentos estereotipados, em comportamentos flexíveis e mais moldados para uma nova sociedade.

Essa maior flexibilidade apontada também foi percebida quando os (as) docentes indicaram quais práticas corporais são

masculinas e femininas. Entre as consideradas masculinas, as mais citadas foram: lutas, futebol e basquete. Já entre as femininas, foram lembradas as ginásticas (rítmica, artística e localizada), dança, futebol e o vôlei.

Pergunta: Você marcou aqui o futebol e o basquete como práticas mais masculinas e a ginástica como mais [...].

Amaral: Feminino. O vôlei também acho mais feminino. Porque ali tem uma rede pra impedir contato. Eu acho que a mulher gosta do vôlei por causa disso aí. Eu acho que impede o contato, é um jogo que não se machucam. Eu vejo que as meninas gostam mais do vôlei que os meninos aqui na escola.

Pergunta: A ginástica você acha que é mais feminina por quê?

Amaral: Eu como observador, eu gosto mais da ginástica feminina. Até na Olimpíada, no Pan-americano eu gosto mais da ginástica feminina. Nesse esporte elas levam vantagem. Não sei se a flexibilidade, ou a doçura do gesto. Fica mais bonito pra mulher.

Pergunta: Interessante que é um esporte que ao mesmo tempo é assim é um esporte de força.

Amaral: É um esporte de força. Mas eu acho que dentro da força elas conseguem mostrar a graciosidade. E o homem já é mais vigoroso. Você vê lá aquele brasileiro que foi campeão, até nos movimentos no ar ele é mais vigoroso. E o da mulher é mais bonito.

A professora Guilhermina, apesar de argumentar que, não existem práticas mais masculinas ou mais femininas, indica que,

somente o Vale Tudo, é masculino. Em sua opinião, o restante das lutas e das práticas corporais pode ser praticado por ambos. Já a docente Fernanda, extrapolou algumas dessas questões, argumentando que são do mundo masculino práticas corporais relacionadas ao serviço de pedreiro e de mecânico de automóveis e do universo feminino atividades como limpar a casa, bordar, pintar e de trabalho manuais. Contudo, a professora afirmou que nas práticas esportivas ela não enxerga diferenças. Argumento desconstrutivista, radicalizado pela professora Amanda:

Pergunta: Você colocou que não existe diferenciação entre práticas masculinas e femininas.

Amanda: Não existe. Eu tenho essa visão. Não existe. Você pode atuar em tudo. A única coisa que você não pode é sexual mesmo. Não pode fazer um filho numa outra mulher. Um homem não pode fazer um filho em outro homem. É só fisiológico mesmo. As outras questões não.

Quando perguntado sobre como ocorrem suas aulas, a maioria dos (as) docentes, afirmou que fazem constantemente ou em alguns momentos da aula uma separação por sexo³.

Vários docentes justificaram suas respostas, argumentando encontrar resistência por parte dos (as) alunos (as) em terem aulas mistas⁴:

3 Esses números corroboram com a pesquisa realizada por Louzada *et. al.* (2007), pois nesse estudo os autores afirmam que geralmente os (as) docentes utilizam os dois modelos de aulas e até mesmo os dois dentro de uma mesma aula.

4 Segundo Gonçalves Júnior e Ramos (2005), ainda é corriqueiro a utilização de aulas separadas por sexo, embora tal divisão não seja mais prevista na legislação brasileira. Os autores afirmam que quando os (as) alunos (as) saem das salas para as aulas de Educação Física, no desenrolar de suas atividades acaba por ocorrer à separação, senão na aula como um todo, ao menos no momento em que se praticam os esportes, formando equipes de meninos que só jogam entre si, e o mesmo ocorrendo com as meninas.

Carlos: Algumas vezes a uma resistência de um grupo ou outro em realizar a atividades juntos. Outras vezes se faz alterações para oportunizar ambos os grupos.

Rodrigo: Tenho conversado muito com meus alunos sobre esta questão, aos poucos a construção dos conceitos e a reconstrução desta relação tem se efetivado. Ainda em algumas práticas corporais os alunos rejeitam o sexo oposto.

Outros (as) professores (as) afirmam que fazem adaptações devido a determinados conteúdos, principalmente os ligados ao esporte:

Raquel: Exercícios onde a força física dos meninos pode provocar algum acidente com as meninas, como: arremesso no Handebol.

Amaral: Fundamentos dá pra ser junto. Trabalhar fundamentos, regras, agora quando é jogo em si tem que ser separado. Por causa do contato.

Guilhermina: Quando eu to trabalhando com uma modalidade, eu trabalho com todos iguais pra que todos tenham oportunidade de estar aprendendo da mesma forma. Ai na hora, por exemplo, se é uma modalidade onde tem jogo, ou como todas as modalidades em que tem competição, que é competitiva, eu às vezes separo por masculino e feminino, pra que, sei lá, pra que haja, pra que o confronto seja teoricamente com o nível igual.

Essas afirmações, principalmente as relacionadas à questão da força física, do contato corporal presentes nas práticas esportivas evidenciam uma intensa produção de masculinidades nas aulas, pois os (as) professores (as) percebem um comportamento

mais agressivo dos meninos, do que das meninas. A produção das masculinidades nas práticas esportivas ficou ainda mais evidenciada, quando vários (as) docentes afirmaram que a separação, em muitos casos, parte a pedido dos (as) próprios (as) alunos (as):

Mônica: Elas são lentas demais

Fernanda: Elas não conseguem são fracas! Eles são brutos e cavalos!

Afirmações como às utilizadas, também são encontradas no estudo de Louzada *et. al.* (2007), texto no qual os autores afirmam que, as meninas justificam as turmas separadas, devido ao fato dos meninos serem brutos e as discriminarem. Para os meninos, as justificativas se remetem ao fato delas atrapalharem a intensidade e o rendimento das aulas.

Pergunta: Os alunos e alunas pedem par realizar atividades separadas por sexo? Quais são as justificativas apresentadas?

Amanda: Ah, que a menina não sabe fazer as coisas. E o menino consegue tudo. Essa é a visão deles nas aulas. A menina não sabe. O menino sabe.

Pergunta: E a das meninas?

Amanda: As meninas porque elas não podem jogar junto porque os meninos jogam muito mais forte. Eles são mais agressivos do que as meninas. Então essa separação, essa forma é mais a pedido deles.

Essa fala corrobora com as reflexões de Sabo (2002) e Connell (2003), de que as práticas esportivas são uma das maiores produtoras das masculinidades hegemônicas na sociedade contemporânea⁵, pois

5 Segundo Connell (2003), o conceito de masculinidade hegemônica refere-se à forma de masculinidade predominante, mais idealizada e valorizada num determinado momento histórico. E em torno delas se agrupam outros três modelos de masculinidades: a subordinada, a cúmplice e a marginal, que se definem pelas relações de gênero, com as categorias de classe, raça/etnia, orientações sociais e políticas.

adjetivos considerados masculinos como agressividade, competitividade e força física são exigidos para a prática de várias modalidades esportivas. Tanto que, em atividades que não possuem tais características, os (as) docentes encontram dificuldades na participação masculina:

Amanda: Quando você dá aula com música, por exemplo. Alguns movimentos você faz e às vezes eles interpretam de outra forma. Pegar na mão é outra questão. Então você coloca você acaba explicando pra eles assim, - porque que vocês meninos se encostam tanto no recreio, ou numa aula? - E quando você quer fazer um círculo eles não querem pegar na mão. Eles não pensam sobre isso. Eles não têm esse conceito formado.

O professor Joaquim, continuou nessa linha argumentativa, salientando que existe uma maior participação masculina nas aulas de Educação Física:

Pergunta: Você vê diferença nas aulas entre comportamento de meninos e meninas?

Joaquim: No comportamento tem. Tanto que os meninos são um pouco mais desinibidos que as meninas. Então eles fazem a aula melhor, tem um rendimento melhor porque eles são mais desinibidos e tentam fazer o movimento. Até porque eles vivem mais na rua, eles têm uma coordenação maior, um deslocamento melhor. E as meninas hoje estão saindo um pouco mais pra rua, fazendo o esporte, participando mais das atividades. Então tenho várias meninas que são desinibidas. Tem um ou outro que não fazem aula. Então se pegar uma probabilidade de meninos

que não fazem aula e meninas que não fazem aula, as meninas são maioria que não fazem aula. Dizem que não gostam, mas não explicam porque que não gostam.

Tais pontos evidenciam a percepção de que a Educação Física e, principalmente a prática esportiva, contribui significativamente para a produção das masculinidades. Inclusive como espaço de concorrência, *lócus*, no qual se estabelecem hierarquias para as diferentes masculinidades. Tanto que, segundo relato dos (as) próprios (as) professores, as atividades mais pedidas pelos alunos circulam em torno dos Esportes, especialmente o Futebol.

Rodrigo: A diferença é mais relacionada ao futebol de salão. À cultura do futebol. Eu percebo que a cultura do futebol é o que dirige o carro-chefe do machismo na escola.

Amanda: Isso vem de uma cultura de aula de educação física e da família. A menina vai pular corda e o menino vai jogar bola (futebol). Então, quando o menino vai pular corda ele é tachado de outra forma.

Entre as meninas, os (as) docentes afirmaram que os elementos mais solicitados são o vôlei⁶ e a dança, entretanto, esportes como basquete, handebol e futebol foram lembrados. Percepção que foi exposta, com clareza, por um dos entrevistados:

Amaral: Não. Hoje eu vejo aqui no campeonato que eles pediram mais futsal e as meninas pediram mais handebol. Mas agora tem uma grande parte das meninas pedindo futsal. Então eu acho que as meninas começaram a gostar desses esportes, como o futsal.

6 Scharagrodski (2006), ao estudar uma escola argentina, apresenta pontos semelhantes, pois o autor encontrou nos dados de sua pesquisa a preferência dos meninos pela prática do futebol e das meninas pelo voleibol.

Pergunta: Você nota diferença de quando começou a dar aula?

Amaral: Ah, quando eu comecei a dar aula, há vinte anos, às meninas quase que não praticavam futebol. Não praticavam!

Pergunta: Você nota hoje a diferença entre a participação das meninas no esporte de um modo geral?

Amaral: Ah, era bem menor antigamente. Hoje tá bem maior a participação feminina nos esportes. Hoje elas gostam de competir com o masculino. Tem até time feminino aqui na escola que ganha de time masculino.

A presença do futebol como prática solicitada, também pelas meninas, mostra, que diferentemente da dança que ainda é vista como uma prática feminina, o futebol já vem rompendo diversas fronteiras de gênero, no que se refere às práticas esportivas.

Outro fator que reafirma a produção das masculinidades nas aulas de Educação Física são as adaptações que os (as) professores fazem para que as aulas sejam mistas. Estas posturas pedagógicas acabam sendo, segundo lembra Altmann (1998), mais uma medida paliativa, ligada a um discurso “politicamente correto”, do que propriamente uma produção de elementos co-educativos. Justamente porque acabam colocando a mulher num papel subalterno em relação ao homem, (re) produzindo com isso, cada vez mais a diferença. A idéia da supremacia masculina e da inferioridade feminina, mesmo com a intenção de não reafirmação desses estereótipos de gênero, também aparece nas falas dos (as) docentes:

Joaquim: Questão de regras para que as meninas possam participar e ter motivação nas atividades.

Carlos: Em jogos mistos crio regras para que elas possam participar. Ex. Gol de menina vale 3, a bola deve tocar numa menina antes do gol/ponto.

As respostas apresentadas pelos (as) docentes acabaram por levantar uma grande interrogação. Realizar ou não adaptações nas atividades? Às vezes as medidas co-educativas se tornam falaciosas e as aulas separadas por sexo, não são tão sexistas como aparentam. Nesse ponto, concorda-se com os argumentos levantados por Altmann (1998), de que as aulas de Educação Física não precisam ter um modelo pronto e acabado no que se refere à dicotomia misto/separado. Nesse sentido, as aulas mistas podem não ser tão favoráveis para quebrar as barreiras de gênero. Tudo depende dos tempos e espaços escolares. Nesse sentido, as soluções e os caminhos devem ser dados no cotidiano escolar, com os (as) alunos (as) e de acordo com as condições de possibilidade de cada instituição escolar.

Foi pensando nesta questão que foi perguntado sobre a ocupação dos espaços. Quem tende a dominar os maiores e mais privilegiados espaços da quadra no decorrer das aulas? Cinco professoras e dois professores utilizaram de uma resposta que pode ser considerada discutível, pois indicaram que os (as) discentes esperam a sua ordem. Acredita-se que os (as) professores (as), não quiseram mostrar uma omissão, tomando uma posição “politicamente correta”, mas que, trata-se da falta de percepção de que existem diferenças nas micro-relações de poder, que acontecem na quadra durante as aulas. Outro grupo composto por cinco professores e três professoras afirmou que a tentativa de dominação dos espaços, ocorre com frequência. Esses dados estão de acordo com as afirmações de Scharagrodski (2006), de que a disciplina de Educação Física, com seus valores ligados a competição e ao mundo masculino, reservam os espaços centrais com seus jogos e embates

aos meninos, e os cantos e a periferia do pátio para as meninas⁷.

O professor Amaral ainda lembrou-se dos espaços de entrada, saída e principalmente o do recreio:

Pergunta: Você acha que quem tende a dominar o espaço da quadra?

Amaral: Eu acredito ainda que sejam os melhores atletas.

Pergunta: São geralmente meninas ou meninos?

Amaral: Meninos. Ainda são meninos.

Pergunta: Além do espaço da quadra você percebe essas relações de gênero em outros espaços?

Amaral: Percebo. Até quando vão entrar na escola eu percebo que as meninas, ainda dão espaços para os alunos homens entrar primeiro. Até na entrada da sala de aula elas ficam por último, eu acho que elas têm medo de agressões, de empurra-empurra. Então elas preferem recuar e entrar depois. As meninas eu acho que se resguardam mais ali na fila, tal.

Pergunta: Saída também mesma coisa?

Amaral: Recreio também. No recreio eu vejo também que os meninos andam em maior grupo que as meninas. A patota entendeu? Geralmente tem grupo de 6, 7, 8 alunos, enquanto que as meninas andam mais em duas, no máximo três no recreio. Então já dá para ver uma fração de gênero no recreio. O homem quer tomar mais espaço, quer tomar mais conta. Dominar o recreio, digamos.

Os (as) outros (as) cinco professores (as) salientaram que a dominação masculina ocorre, no entanto, algumas meninas também participam desse processo, rompendo e quebrando fronteiras de gênero durante

as aulas, pois os homens e as mulheres não cumprem sempre, nem literalmente, as prescrições atribuídas como adequadas para os sexos. Tais questões levaram a visualizar que os (as) professores (as) também percebem em suas aulas corpos que escapam as normas de gênero.

CORPOS QUE ESCAPAM: A PRESENÇA DE OUTRAS FORMAS DE MASCULINIDADES

A presença dos corpos que fogem as normas estabelecidas ao universo masculino e feminino também foi detectada nas falas dos (as) sujeitos participantes da pesquisa. Essas questões começaram a se evidenciar quando foi perguntado aos (as) professores, se já precisaram resolver conflitos ligados ao gênero durante as aulas. Somente um professor afirmou que nunca realizou intervenção alguma. Todos (as) os (as) outros (as) indicaram que já precisaram intervir de alguma maneira, geralmente mediando conflitos gerados pela diferença de desempenho entre os meninos e as meninas ou quando algum deles insere-se em atividades consideradas inapropriadas para seu sexo.

Os conflitos de gênero visualizados pelos (as) professores (as) não se referem somente a dificuldade em transgredir as práticas corporais consideradas masculinas e femininas em prol de uma participação de todos nas aulas. Aqueles corpos, principalmente os masculinos, que escapam ao binarismo sexual também são tidos como problemáticos:

7 Segundo Scharagrodski (2006), a divisão de espaços não se resume simplesmente a meninos para um lado e meninas para o outro. Existem casos de meninas que “invadem” o espaço masculino e são aceitas pelos meninos em seus jogos, assim como meninos, que não se entram no mundo simbólico masculino. Já as meninas com alguns meninos, que não se encaixam as normas das masculinidades hegemônicas, utilizam espaços reduzidos e marginais.

Nicolas: Menino que jogava vôlei e dançava e tinha um jeito afeminado. Era motivo de chacota dos colegas.

Guilhermina: Um aluno que se comportava como menina, se vestia, e nos momentos onde havia separação ele ficava no grupo feminino.

No entanto, quando perguntado sobre um suposto preconceito sobre estes corpos, evidencia-se não somente a discriminação daqueles que fogem aos papéis sociais designados a seu sexo, mas a todos (as) aqueles (as) que não demonstram rendimento nas práticas corporais. Neste sentido, a performance ou a falta dela são balizadoras e contestadoras da masculinidade e feminilidade dos (as) alunos (as). Assim meninas que gostam de jogar futebol e meninos que participam das aulas de dança e de vôlei tem automaticamente sua heterossexualidade contestada.

A afinidade por determinada prática corporal não é o único parâmetro. Segundo a professora Amanda, “os meninos quando são mais meigos, mais corteses, eles são deixados de lado nas atividades pelos outros meninos.” O interessante é que esta mesma professora afirma a existência de uma maior tolerância à menina que não segue a norma de gênero, pois “a menina que é muito mais agressiva, que é muito mais de se impor, os meninos excluem. Só que daí as meninas não excluem”. O professor Joaquim também percebeu que, os meninos que escapam as normas, são mais “cobrados” e exigidos do que as meninas:

Você vê que o aluno com comportamento um pouco mais afeminado ele ta

sempre com um grupo de meninas. Já as meninas que tem uma forma assim masculina não se afastam do feminino. Isso é uma coisa interessante de se perceber. A menina não se afasta do grupo. E o menino, ele acaba se excluindo e fica mais com as meninas.

Este posicionamento observado pelos (as) professores (as) retorna à centralidade que o rendimento tem na aula de Educação Física e como estes elementos estão associados à masculinidade hegemônica, pois os meninos que não apresentam aptidão são excluídos e as meninas mais habilidosas, embora tenham sua heterossexualidade contestada, são aceitas no momento do jogo visto que apresentam as características exigidas para isso. Diferentemente dos meninos que “necessitam” a todo o momento estarem (re) afirmando sua heterossexualidade.

Essas questões demonstram que os sujeitos pesquisados, percebem que outras formas de masculinidades não hegemônicas estão presentes nas aulas de Educação Física. Esses pontos se evidenciam nos diversos tipos de xingamentos ocorridos no decorrer das aulas. Os “xingamentos” mais lembrados pelos (as) docentes foram ligados à questão da heterossexualidade, pois palavras como ‘foda-se’, ‘pau no cú’, ‘viado’, e ‘caralho’ foram os mais citados. Palavras que sempre procuram duvidar da heterossexualidade dos meninos, ou até mesmo das meninas, como o termo ‘machora⁸’ lembrado por uma professora. As utilizações desses “palavrões” acabam por produzir masculinidades não hegemônicas, como também depreciam as meninas e/

8 Essa palavra pretende designar a mistura de macho com cachorra, ou seja, trata-se de um termo para depreciar as meninas que não cumprem as normas culturais consideradas femininas.

ou as colocam em posição subalterna em relação aos meninos. Em compensação, a masculinidade hegemônica não é construída somente em oposição à feminilidade, mas também em relação a outras formas de masculinidades. Segundo Connell (2003), a masculinidade gay é a masculinidade subordinada mais evidente, porém não é a única. Vários homens heterossexuais também são expulsos desse círculo de legitimidade. Esse processo é marcado por um rico vocabulário ofensivo, pois termos como ‘covarde’, ‘marica’, ‘veado’ e ‘filhinho da mamãe’ são frequentemente utilizados.

As frases mais lembradas, que inclusive alguns/algumas docentes afirmaram já terem ouvido e até mesmo utilizado, foram às seguintes:

Amanda, Fernanda, Raquel, Nicolas: As meninas são de vidro, só de encostar podem quebrar.

Nicolas: As duas vão parar.

Cacilda: Essa menina joga futebol igual um menino!!!

Essas frases, principalmente aquelas ligadas às masculinidades não hegemônicas, se acentuam quando os meninos realizam determinados contatos corporais entre eles, que aguçam a manifestação de ações homofóbicas. Sabo (2002) argumenta que é muito comum nas práticas esportivas, quando um treinador ou professor, pretende salientar a incompetência de algum menino, referir-se a ele com adjetivos femininos (“esse menino joga como uma menina”). Acredita-se que o ideal da masculinidade visa se afastar tanto do feminino quanto da homossexualidade. Para ser “homem de verdade”, implica, não somente em não ser mulher, mas principalmente em não ser homossexual, ou mais precisamente em

não ser “passivo” e “violado” nas relações sociais.

Scharagrodsky (2002) indicam que é muito comum em culturas latinas, o entendimento de que os homens que tem a posição de “ativo” na relação sexual com outro, apesar de estarem simbolicamente inferiorizados a outros que se relacionam somente com mulheres, eles não rompem com a matriz hetero. O corpo que não importa, é aquele que é “violado”, sendo o “lado fraco” da relação. Os xingamentos utilizados pelos meninos nas aulas de Educação Física acabam por ilustrar essas questões, pois se dirigem aos considerados “afeminados” e aqueles com um desempenho inferior, ou seja, tais falas visam realizar uma dominação simbólica sobre os meninos que não cumprem as normas de gênero. Nessas questões percebem-se como as práticas homofóbicas estão presentes nas aulas de Educação Física, pois as transgressões aos modelos hegemônicos de masculinidades são frequentemente mencionadas. Acredita-se que tais atitudes acontecem pelo medo de ser humilhado publicamente por outros homens, pois existe a necessidade de se “fazer” homem e, sobretudo, de se “manter” homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início imaginava-se que os (as) professores (as) apresentariam uma visão “tradicional” das questões de gênero. Contudo, outras possibilidades se mostraram no momento em que se mergulhou nas falas dos (as) pesquisados (as). Essas variações se mostraram mais evidentes quando se interrogou os (as) professores (as) sobre as questões de gênero. Vários (as) docentes

caiam nas “armadilhas” do discurso normalizador, entretanto, em muitos momentos eles (as) tentavam fugir desse engendramento. Não eram sujeitos indiferentes e somente reprodutores das grandes normalizações. Em vários momentos percebeu-se que eram atravessados por outros discursos de gênero e visualizavam ser possível existir outras formas de serem homens e mulheres.

No começo imaginou-se encontrar somente a visão hegemônica de masculinidade. Porém, outras possibilidades surgiram, pois vários (as) professores indicaram que consideram as aulas de Educação Física como produtoras de corpos generificados e em muitos casos se mostraram críticos (a) a essa produção. Em diversos momentos percebeu-se o desejo de que se construíssem outras formas de masculinidades.

Foi a partir desses pontos que foi detectado nas falas dos (as) professores (as) questões que evidenciavam as presenças de corpos que escapavam as normas de gênero, sujeitos que não se encaixavam nos padrões estabelecidos como ideais, ou seja, corpos que podem ser estigmatizados. Quando se detectou esses corpos que escorregavam notou-se também que ocorria uma sobreposição discursiva na fala dos (as) docentes, pois sentimentos de uma rejeição conviviam lado a lado com o de uma aceitação e defesa desses sujeitos. Esses corpos masculinos que escapavam a norma sempre eram vistos como femininos e tinham sua sexualidade contestada pela matriz heterossexual. Todo esse contexto possibilitou perceber que era possível inventar e criar “novas possibilidades de vida”.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero**: Marias (e) homens na Educação Física. Belo Horizonte: Universidade

Federal de Minas Gerais, 1998. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

CONNELL, R. W. **Masculinidades**. México: UNAM-PUEG, 2003.

DEVIDE, F. P. **Gênero e Mulheres no Esporte**: História das Mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Unijuí, 2005

GONÇALVES JÚNIOR, L.; RAMOS, G. N. S. **A Educação Física escolar e a questão de gênero no Brasil e em Portugal**. São Carlos: Ed. UFSCar, 2005.

JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, Vozes, 2002. p. 90- 113.

LESSARD-HÉRBET, M.; et. al. **Investigação Qualitativa**: fundamentos e práticas. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

LOUZADA, M. et. al.. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, Vol. 28, n.2, p.55-68, 2007.

SABO, D. O estudo crítico das masculinidades. In: ADELMAN, M.; SILVESTRIN, C. B. (orgs.). **Coletânea Gênero Plural**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002, p.33-46.

SCHARAGRODSKY, P. A. Los graffitis y los cánticos futboleros platenses: acerca del proceso de configuración de diversas masculinidades. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, Vol. 24, n.1, p.179-197, set. 2002.

_____. Juntos pero no revueltos: la Educación Física mixta en clave de género. In:

AISENSTEIN, Â.; SCHARAGRODSKY, P. A. (orgs.). **Trás las huellas de la Educación Física Escolar Argentina.**

Cuerpo, género y pedagogía: 1880-1950. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006. p. 295-309.

MASCULINITES PRODUCED IN THE SCHOOL OF PHYSICAL EDUCATION: teachers perceptions

ABSTRACT

This research presents the teachers perceptions of masculinities produced in physical education classes. As a research subject were analyzed discourse of physical education teachers, trying to visualize how they perceive the issues of gender and masculinities that happened in the school and physical education classes. In conclusion the research indicates that teachers perceive the existence of multiple masculinities present in physical education classes.

Keywords: School Physical Education; Teachers of Physical Education; Gender; Masculinities

Recebido em: agosto/2012
Aprovado em: outubro/2012